



Integração do setor químico fluminense com o Inea

Editorial

Princípio da precaução ou da paralisação?

A solução encontrada para produzir mais desenvolvimento, minimizando os impactos sobre o meio ambiente, é a combinação do uso de energias renováveis com a aplicação de tecnologia para reduzir as emissões de gases de efeito estufa, aumentar a eficiência energética e permitir a captura e armazenagem de carbono.

As fontes renováveis naturais de eletricidade têm limitações, como sazonalidade (hidroelétrica) ou intermitência (eólica). Para que exista segurança no abastecimento são necessários grandes reservatórios de água nas hidrelétricas, ou mais geração nuclear/térmica. Essas opções são potencialmente agressivas ao ambiente.

O petróleo caminha para a obsolescência, mas o mundo ainda vai utilizá-lo por muitas décadas. Não se vislumbra como banir o seu uso porque a exploração das reservas de petróleo e gás é necessária para gerar riqueza, reduzindo as desigualdades sociais e regionais.

Deixar de aproveitar os nossos recursos naturais e energéticos não é uma opção se quisermos tirar mais brasileiros da miséria. Se não explorarmos o nossos potencial energético e reservas de hidrocarbonetos, teremos que aumentar as importações de combustíveis, prejudicando a balança comercial e gerando empregos em outras nações, mas temos que zelar pelo meio ambiente e minimizar as emissões.

Precisamos ser pragmáticos para combinar o aproveitamento dos nossos recursos com a preservação do meio ambiente.

Um bom exemplo para reflexão é o uso, indevido, do "princípio da precaução" (Rio92) como argumento para impedir o uso do fraturamento hidráulico na exploração de reservas não convencionais de petróleo e gás natural.

Não há dúvidas de que, quanto mais impactante para o meio ambiente, mais cautelosa e regulamentada deve ser a prática de uma atividade.

A questão é a forma como o citado princípio vem sendo aplicado no Brasil; usando o conceito da precaução de forma radicalizada e exigindo uma atividade isenta de riscos, 100% segura, o que é incompatível com qualquer atividade econômica moderna.

O fraturamento hidráulico é utilizado há décadas, em especial nos Estados Unidos, onde promoveu uma revolução que abalou os alicerces da indústria do petróleo. No Brasil, sem utilizar essa técnica, temos apenas 8.100 poços produzindo. Nos EUA há 977 mil. Em 670 mil deles foram utilizados o fraturamento e a perfuração horizontal. Se os riscos não fossem mitigáveis não seriam tantos poços.

Regiões do Nordeste brasileiro estão impedidas de empregá-las. Enquanto importamos gás natural dos EUA, aumentando, por lá, a geração de royalties, emprego e renda.

Alegar a existência de riscos para impedir o desenvolvimento das nossas riquezas naturais, além de subestimar a nossa capacidade tecnológica, significa abrir mão de recursos que nos ajudariam a sair do subdesenvolvimento e da pobreza.



Fraturamento hidráulico

SIQUIRJ INFORMA

Nº 202

Ago/2018

Diretoria de Licenciamento Ambiental do Inea no Siquirj

No último dia 16 de agosto, o Siquirj recebeu em uma sede o Diretor de Licenciamento Ambiental do Inea, Nestor Prado Junior. O encontro promovido pela Comissão de Meio Ambiente e Segurança do Siquirj, coordenada por Abílio Faia, teve como objetivo apresentar as políticas do Inea para renovação de licenças ambientais.

Na oportunidade, Nestor Prado Junior citou resoluções de órgãos como Secretaria de Estado do Ambiente, Conselho Estadual de Meio Ambiente e do próprio Inea, que regulamentaram o Slam, apresentando seus principais pontos. Apresentou outros dispositivos legais que trouxeram inovações para o processo, **disponibilizados na Área do Associado**, no site do Siquirj.

Sobre o Processo Administrativo Digital, o Gerente de Atendimento do Inea, Douglas Moraes, comentou que o adjetivo é aumentar a eficiência administrativa, fazendo com que todos os servidores utilizem um sistema integrado, que possibilite a produção, trâmite, pesquisa, inserção e troca de informações disponíveis de maneira mais célere e eficiente. Foram treinados e certificados mais de 300 servidores, com quase 2.400 processos digitais abertos, e mais de 1.100 licenças emitidas com outras 1.200 em tramitação.

Em seguida, Gabriele Campagne apresentou o Aplicativo de Licenciamento Ambiental, desenvolvido pelo Inea, sendo uma substituição de parte das ferramentas do Portal de Licenciamento, onde é possível realizar enquadramentos, gerações de boleto, agendamentos, checklists e uploads de documentos digitais para certos instrumentos a partir do Requerimento On-line. Informou que outros conteúdos ainda fazem parte do portal.

Cristiane Madeira, Gerente da Gelin, apresentou as atividades licenciadas pela gerência, bem como suas atribuições, os aspectos que avaliam. Por fim, foi aberto um frutuoso espaço de conversas entre as empresas e o Inea, momento em que foram sanadas diversas dúvidas e sugestões foram expostas, aumentando ainda mais a integração entre o setor químico fluminense e o Inea, através do Siquirj.

Confiança da indústria cai com demanda fraca e incerteza

A indústria voltou a ficar pessimista em agosto, abalada pelo aumento das incertezas no país e pelo enfraquecimento da demanda. A recuperação da confiança do setor não deve vir no curto prazo, na avaliação de Tabi Thuler Santos, coordenadora da sondagem da indústria da transformação da Fundação Getulio Vargas (FGV).

A pesquisa, feita com 1.084 empresas, mostrou que o índice de confiança do setor (ICI) caiu 0,4 ponto, para 99,7, menor nível desde janeiro, quando estava em 99,4.

A diferença, nota a economista da FGV, é que naquele momento o indicador vinha numa trajetória ascendente, ao contrário de agora.

"O momento atual é pior que em janeiro, quando o nível de confiança era parecido", diz. Ela lembra que as expectativas sobre a economia foram sendo frustradas ao longo do ano, algo que a paralisação dos caminhoneiros, em maio, só fez piorar.

Agora, questões internas, como o período eleitoral, se somam às turbulências no cenário externo, que têm provocado uma forte volatilidade no câmbio, o pior dos mundos para a indústria. "Tudo isso deixa o ambiente pouco próspero para a recuperação da confiança no curto prazo", afirma Tabi.

A sondagem mostra um aumento no percentual de empresas com estoques excessivos, o que, junto com uma demanda fraca, sinaliza dificuldades para uma retomada mais consistente da produção industrial.

"A recuperação da indústria e da economia tem ficado ainda mais distante", diz. O aumento dos estoques foi um dos principais fatores para a queda do indicador de condições atuais e da confiança em geral do setor.

Em outra sondagem divulgada nesta semana, a da construção civil, a fraqueza da demanda também esteve entre os principais motivos da queda da confiança. Nesse caso, o recuo na demanda veio justo de um segmento que vinha melhorando: o de edificações. O indicador de confiança da construção caiu 1,6 ponto, para 79,4, ficando ainda mais distante do ponto neutro, de 100.

Na indústria, o indicador de expectativas teve uma pequena melhora, de 0,3 ponto, puxada pela alta na perspectiva de emprego. Mas Tabi Thuler pondera que o subindicador de emprego subiu 2,1% em agosto, depois de ter caído 11,7% em julho.

Falando sobre a forte desvalorização cambial das últimas semanas, Tabi diz que, entre perdas e ganhos, é difícil calcular o resultado líquido desse movimento. Embora o dólar forte possa beneficiar exportadores, também encarece a importação de insumos importantes para a indústria.

"O resultado líquido dessa equação é sempre uma incógnita, mas, independentemente do nível do câmbio, o mais importante é sua previsibilidade", afirmou a economista.

Fonte: Valor

Importação industrial cresce mais que produção

A reação da indústria de transformação perdeu fôlego no segundo trimestre, mas em ritmo insuficiente para conter a alta das importações no setor, que aceleraram no período. Enquanto a produção física do ramo manufatureiro avançou 1,7% de abril a junho em relação a igual período do ano anterior, as compras externas do segmento saltaram 17,7% na mesma comparação, segundo levantamento do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi).

Nos primeiros três meses do ano, a produção cresceu 3,9% ante igual intervalo em 2017, ritmo também inferior ao aumento das importações, que foi de 11,8%.

Os desembarques subiram em todas as quatro faixas tecnológicas de acordo com os cálculos do Iedi, que levam em conta a metodologia adotada pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). A maior alta no segundo trimestre, de 21,4%, foi registrada na indústria de média-alta tecnologia, puxada pelas compras externas de máquinas e equipamentos mecânicos, que ficaram 33,5% maiores. Também cresceram de forma acelerada as importações de veículos automotores, com expansão de 31,3%.

Segmentos que representam principalmente insumos usados no processo produtivo, como borracha e plásticos e produtos químicos, também foram mais importados de abril a junho (altas de 18,4% e 13,4%, respectivamente). Aumentaram, ainda, as importações de bens de consumo semi e não duráveis (têxteis, couro e calçados, por exemplo): 9,8%.

As importações de produtos da indústria de transformação ganharam força na passagem trimestral mesmo com a taxa de câmbio menos favorável para compras no período, uma vez que o dólar subiu 17,3% ante o real do primeiro para o segundo trimestre. Como resultado das compras externas crescendo em ritmo muito acima das vendas, a balança comercial do setor manufatureiro acumulou déficit de US\$ 9,4 bilhões na primeira metade do ano, bem acima do observado de janeiro a junho do ano passado (US\$ 1,3 bilhão).

Segundo dados da Confederação Nacional da Indústria (CNI), a participação dos insumos industriais importados no total destes produtos consumidos no mercado doméstico ficou em 23,5% em 2017 (resultado disponível mais recente). No ano anterior, esse percentual foi de 22,5%. Na média, a proporção de bens industriais importados subiu 0,6 ponto percentual na passagem anual, para 17%, em relação à soma da produção nacional destinada ao mercado interno e das importações - medida chamada de consumo aparente.

Fonte: Valor

STF decide que é constitucional emprego de terceirizados na atividade-fim das empresas

O plenário do Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu no último dia 30 de agosto, por 7 votos a 4, que é constitucional o emprego de terceirizados na atividades-fim das empresas.

Isso já era permitido desde o ano passado, quando o presidente Michel Temer sancionou a lei da reforma trabalhista, que permite a terceirização tanto das chamadas atividades-meio (serviços de limpeza e segurança em uma empresa de informática, por exemplo) quanto das atividades-fim.

Mas havia um impasse em relação a 4 mil ações anteriores à lei da reforma trabalhista que questionavam entendimento do Tribunal Superior do Trabalho (TST), em vigor desde 2011, segundo o qual era proibido terceirizar a atividade-fim. Agora, essas ações, que tramitam em várias instâncias da Justiça, deverão ter resultado definitivo favorável às empresas.

Para a maioria dos ministros do STF, a opção pela terceirização é um direito da empresa, que pode escolher o modelo mais conveniente de negócio em respeito ao princípio constitucional da livre iniciativa. Segundo a compreensão da maioria, a terceirização não leva à precarização nas relações de trabalho.

Fonte: G1

Siquirj

Sindicato da Indústria de Produtos Químicos para Fins Industriais do Estado do Rio de Janeiro

Filiado à FIRJAN

Av. Calógeras, nº 15 - 12º andar
Centro - Rio de Janeiro - RJ
CEP 20030-070
Tel.: (21) 2220-8424
e-mail: siquirj@siquirj.com.br
home page: www.siquirj.com.br

Diretoria - 2016/2020

Diretoria

Isaac Plachta (Presidente)
Nicolau Pires Lages (Secretário)
Paul Antoine Maron Gédéon (Tesoureiro)

Suplentes

Ciro Alves
Wagner Sá
Jorge Luiz Cruz Monteiro

Conselho Fiscal

Efetivos

Carlos Roberto da Silva
Nélio Augusto Manhães Rodrigues
Roberto Pinho Dias Garcia

Suplentes

Antonio Emilio Simões Meireles
Ronaldo Valle Monteiro
Ubiratan Sá

Delegados Representantes junto à Firjan

Efetivos

Eduardo Eugenio Gouvêa Vieira
Carlos Mariani Bittencourt

Suplentes

Isaac Plachta
Roberto Pinho Dias Garcia